

Dossiê: Modos de feitura da cidade: dimensões sensíveis da vida urbana contemporânea

Taiany Marfetan (UERJ)

Diego Pontes (UFSC)

Daniel Soglia (UFBA)

Apresentação: Volume I – Sobre resistências, habitar e trabalhar na cidade

Habitamos e vivenciamos o trânsito, as margens, os centros, periferias e fronteiras, bem como as lutas por direitos e inúmeras formas de resistência e encruzilhadas. Os bairros, as ruas, as praças, as casas, condomínios e cantos das cidades abrigam infinitos modos de vida e ambivalentes limiares entre o espaço público e o privado, o velho e o novo, o formal e o informal. Assim, por meio da perspectiva da antropologia urbana, como proposto por este dossiê¹, buscamos explorar analiticamente formas de viver no contexto urbano contemporâneo e colocar em relevo elucidações a partir de experiências empíricas em diferentes paisagens citadinas e dinâmicas urbanas inseridas em particulares realidades geográficas, culturais e patrimoniais.

Os artigos reunidos no primeiro volume deste dossiê, que discute *sobre resistências, habitar e trabalhar na cidade*, abordam questões que nos mostram o espaço urbano em disputa e transformação, com destaque para a criação de redes de sociabilidade, estratégias e diferentes formas de significar e vivenciar a cidade. Nessa direção, somos levados à apreensão de processos que envolvem reinvenções, lutas e articulações da vida na cidade, seja pelo trabalho, lazer ou pela criação de redes, vínculos e afetos.

Considerando os artigos aqui apresentados, encontramos caminhos frutíferos para que possamos refletir a respeito das dimensões sensíveis da vida urbana e os modos de feitura da cidade para além de suas camadas puramente estruturais, planejadas e institucionalizadas. Dessa maneira, o olhar voltado às formas de habitar e experimentar a cidade nos revela, como podemos notar a partir deste dossiê, negociações, conflitos, práticas e sociabilidades que se expressam no dia a dia do cotidiano urbano contemporâneo.

O primeiro artigo, intitulado “Entre o vivido e o por viver: projeto e técnica como campos de disputa nos modos populares de feitura da cidade”, de Gabriel Fernandes, Paulo Reyes e Bruno Mello, analisa o conflito entre o conhecimento urbanístico hegemônico e a produção popular do espaço em assentamentos precários. Nesse sentido, os autores destacam como a racionalidade técnica e instrumental alteram as dinâmicas territoriais cotidianas

¹ A idealização deste dossiê se constrói a partir do contato entre seus organizadores na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, em Belo Horizonte/MG, no Grupo de Trabalho “Etnografia da e na cidade: o viver no contexto urbano em suas formas sensíveis”.

localizadas na autoconstrução, nas formas de participação social e no desenho do planejamento urbano. A partir de dois estudos de caso no sul do Brasil, Fernandes *et al.* dialogam com noções como “fazer-cidade” e dissenso político para compreender os silenciamentos institucionais, mas também a emergência de contraprojetos insurgentes. Embora a reflexão dialogue com a perspectiva etnográfica, o texto privilegia em alguns momentos o enquadramento conceitual em detrimento de uma densidade etnográfica mais minuciosa; ainda assim, as práticas de assessoria técnica de base emergem como estratégias de tradução e resistência, afirmando a cidade como uma obra aberta em meio às amarras do saber especializado.

No artigo “Fazer o parque, fazer a cidade: participação social e políticas públicas em Realengo”, a autora, Juliana Baptista Pereira, apresenta-nos a importância da participação social de base comunitária no desenvolvimento histórico de políticas públicas para o bairro de Realengo, situado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. A autora, que é moradora do bairro e integrante da “Agenda Realengo 2030”, um plano popular de desenvolvimento urbano e territorial criado por moradores, pesquisadores e movimentos sociais para transformar o bairro de Realengo, destaca, a partir da própria participação, a mobilização social em torno da criação do Parque Realengo, na tessitura dos laços comunitários de base territorial fincados no direito à cidade a partir do direito ao lazer.

Camila Corrêa Felix, no artigo “Cosmopolita ou cosmopolítica? – a multiplicidade e seus modos de feitura numa ocupação de moradia na região central de São Paulo”, apresenta uma etnografia realizada junto ao Movimento de Moradia da Região Centro (MMRC), na Ocupação Mauá. A autora analisa as matrizes heterogêneas de composição dos espaços e elabora uma cartografia de movimentos de criação e estratégias de luta a partir de uma temporalidade em que se cruzam universos de referências diversas e ancestralidades submersas. O artigo destaca uma discussão sobre a feitura e a criação para retomar o canal de relação com a fonte cosmológica que se pensava estar fechada nas cidades (Ortiz, 1991), onde o ato de criar é marcado por sua articulação com uma rede de relações e espaços que constituem um coletivo e uma concepção de pessoa composta por uma multiplicidade que inclui alteridades. Assim, a combinação entre movimento e moradia aponta para correlações e deslizamentos da posição de sujeito e de atos de criação de territórios existenciais que vinculam a biografia das pessoas e a biografia dos lugares.

No artigo intitulado “Entre vigilâncias e interrupções: ação coletiva em um bairro sob controle territorial armado no Rio de Janeiro”, Monique Batista Carvalho analisa a ação coletiva em um bairro da zona oeste do Rio de Janeiro, a Praça Seca, marcado pelo controle territorial exercido por grupos milicianos. Nesse sentido, a autora destaca como a violência altera as dinâmicas territoriais cotidianas localizadas na circulação, nas formas de organização coletiva e possibilidades de encontro. A partir de uma análise qualitativa, Monique dialoga com o conceito de “vida sob cerco” (Machado da Silva, 2008) para compreender essas interrupções, mas também formas de ação coletiva. As ações culturais emergem, então, como estratégias simbólicas de pertencimento, circulação e reconhecimento e criam ambiências possíveis em meio à coerção.

Em seguida, no artigo “*Todos(as) pela Segurança em Floripa*”: política de drogas e hierarquias morais na produção da cidade”, Flavia Medeiros e Bruna Overbeck analisam as relações ambivalentes produzidas no espaço urbano da cidade de Florianópolis/SC, articulando, para tanto, segurança pública e política de drogas por meio de discussões sobre a população em situação de rua e o mercado imobiliário. As autoras partem da observação participante em um Conselho Comunitário de Segurança e da análise de documentos e mídias digitais para destacar como pânico morais são acionados em determinados contextos de uso e circulação na cidade, em contraste com a tolerância na imagem de uma cidade *legalize*. Por um lado, observa-se a tolerância a algumas drogas e a determinados usuários; por outro, percebe-se a rejeição social e uma sujeição criminal que incidem sobre pessoas em situação de rua por meio de estigmas de sujeira e perigo. Desse modo, o artigo aborda como tais dimensões colocam no centro do debate as dinâmicas de desigualdades e precariedades sociais, bem como as perspectivas institucionais e corporativas nos conflitos administrados pelas forças de segurança, produzindo, assim, formas particulares de exclusão e violência que delimitam quem são os considerados moralmente legítimos para habitar e circular na cidade.

Em “Desafios e limites na regulação do trabalho ambulante nas cidades de Florianópolis/SC e Montes Claros/MG”, Paula Cruz Pimentel e Antônio Dimas Cardoso propõem uma análise comparativa a fim de entender as formas de regulação do trabalho ambulante em diferentes regiões e realidades brasileiras. Para esse fim, os autores destacam as táticas cotidianas desenvolvidas pelos trabalhadores ambulantes para resistir nos espaços públicos, negociando seus usos e apropriações com os agentes públicos municipais. São acionados discursos acerca do que pode ou não ser comercializado e de que maneira,

promovendo distinção não somente às mercadorias, mas também sobre quem pode ou não exercer o trabalho nesses locais. Eles expõem, assim, as disputas narrativas dos agentes produtores do espaço urbano e suas formas de atuação.

As reflexões apresentadas por Juan Felipe Choconta Pineda e Juan Ignacio Brizuela no artigo “La cultura de los ‘pasa cuotas’: cuerpos, territorios y economía informal en Foz do Iguaçu y Ciudad del Este” exploram, através da etnografia, a dinâmica de trabalhadores informais que transportam mercadorias cruzando a Ponte da Amizade, entre o Brasil e o Paraguai. O estudo aborda aspectos relacionados à economia informal, estratégias criadas pelos trabalhadores por meio do “portuñol selvagem” e práticas sociais que confrontam a ausência de políticas públicas efetivas. Com isso, o artigo aponta para uma mirada onde a fronteira opera enquanto um espaço de contradição entre a integração comercial e a exclusão social, sendo possível, desse modo, pensar a corporalidade dos “pasa cuotas” como uma expressão cotidiana daqueles que sustentam material e simbolicamente esse frágil equilíbrio.

O artigo intitulado “Reflexões sobre urbanidade e acolhimento: apropriação de espaços públicos por imigrantes em Erechim/RS”, de Felipe Baldissera Walter e Nauíra Zanardo Zanin, analisa a relação de imigrantes de origem haitiana, venezuelana e senegalesa com o espaço urbano de um município do norte do Rio Grande do Sul. Os autores destacam como os fluxos migratórios contemporâneos reconfiguram as dinâmicas territoriais cotidianas localizadas no uso funcional da cidade, nas formas de comércio ambulante e nas múltiplas possibilidades de lazer e sociabilidade. A partir de uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, a investigação dialoga com noções como “formas de acolhimento” (Fuão, 2014) e “urbanidade” para compreender a inserção desses sujeitos e suas táticas de sobrevivência. O trabalho demonstra um sólido enquadramento conceitual ao articular referenciais da arquitetura e das ciências sociais, evidenciando como as apropriações e rituais coletivos nas calçadas, praças e canteiros emergem como estratégias de identificação e permitem o encontro com os pares e o fortalecimento de laços de hospitalidade em meio ao espaço urbano tradicional.

Referências

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **Mana**. Rio de Janeiro/RJ, v. 21, n. 3, p. 483-498, 2015.

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2006.

CAIAFA, Janice. **O movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1985.

CARUSO, Haydée. **Entre ruas, becos e esquinas: a construção da ordem na Lapa carioca**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2014.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de e na rua: estudo de antropologia urbana. In: **Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana**. Ana Luiza C. da Rocha e Cornelia Ecker (Orgs.). Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2013.

HARVEY, David. **O direito à cidade**. Revista Piauí, São Paulo, n. 82, 2013.

HELENE, Diana; PEREIRA, Gabriela; SANTORO, Paula; TAVARES, Rossana. Dossiê: território, gênero e interseccionalidades. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 23, E202144, 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor [et al.]. **Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2023.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5ª ed. São Paulo. Edusp. 2009.

SILVA, Hélio. A situação etnográfica: andar e ver. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre/RS, ano 15, n. 32, 2009, p. 171-188.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. 6ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1973. V. 1, p. 115.